

Fundação Cuidar o Futuro

pelas A. A. concluindo que foi materialmente inútil ficando porém uma atitude de insatisfação que nos leva a querer transformar a Universidade para os que vierem depois de nós. A solução do problema das associações não pode desmembrar-se do da universidade, esta, por sua vez, deve estruturar-se no sentido corporativo.

O congressista Joaquim Pinto Machado Correia da Silva apresentou ao relator uma dúvida e pediu esclarecimento. Tratava-se do seguinte - na tese tinha-se afirmado que a Faculdade só realiza o aspecto informativo da tríplice missão da Universidade, cabendo às Associações Académicas o principal papel na ministração da cultura do universitário; se o fim das A. A. é reunir os estudantes que individualmente não são capazes de se cultivar, não se compreende que esta capacidade surja só pelo facto de se agruparem.

Carlos Alvares de Carvalho usou da palavra para se referir, à possibilidade das org. de tipo neutro fazerem cultura, fornecendo os meios para essa mesma cultura que o universitário trabalhará de acordo com a sua formação que por sua vez será dada por organizações de tipo ideológico como a J.U.C., C.A.D.C., etc.. Defendeu ainda a ideia da colaboração dos estudantes católicos em org. de tipo neutro, nomeadamente A. A., pois não considera que alguma vez seja necessário trair a Fé e a doutrina, desde que se discutam os problemas em verdadeiro plano de humanidade e se respeitem os Estatutos pelos quais essas Associações são alheias a assuntos políticos e religiosos.

Maria Natália Fonseca focou alguns aspectos das Org. de tipo neutro, como aditamento ao relato .

- a) Na integração dos estudantes na vida universitária, acrescenta os seguintes pontos:
- 1) Representação dos estudantes nos Conselhos Escolares
 - 2) Criação nas Universidades de Seminários de Estudo, em que os estudantes dos últimos anos, convivessem e auxiliassem os alunos mais novos.
 - 3) Interesse pedagógico das associações, no que diz respeito a planos de estudo, estímulo da investigação científica, publicações de revistas de carácter científico, etc.
- b) Em relação dos problemas sociais dos estudantes -



Frisar o problema da habitação do estudante; dada a impossibilidade financeira das Associações o resolverem sugere-se que quem de direito tome urgente conta do caso.

Por último, para que as associações possam desenvolver-se no sentido ideal, é preciso que, da parte dos católicos deixe de haver o indâferentismo que, em muitos casos, se tem verificado relativamente às Associações.

João Martins falou, a seguir, das relações entre as A.A., a Universidade e o Estado, tirando as seguintes conclusões:

- 1) A vida social, neste caso concreto das Associações de Estudantes necessita de um ordenamento jurídico, em que o amor e o direito se completem mutuamente (com poder coercivo sobre os que só por este modo podem ser contidos na nobre disciplina da vida social. O direito do homem à segurança jurídica pressupõe normas jurídicas claras.
- 2) Professores e estudantes numa reforma da estruturação das Associações devem colaborar e conviver mais intimamente (tomando como ideal a vida comunitária da Universidade corporativa assim, na época actual os Professores devem ter lugar nas Associações Académicas.
- 3) Em contra-parâida os estudantes devem ter assento no Conselho Escolar da Faculdade, devendo-se-lhes consideração e a confiança que justifique a entrega de responsabilidades (contributo e incentivo indispensável para uma perfeita formação de carácter)
- 4) Devemos obediência e respeito à autoridade humana; a própria crítica representará um desejo de trabalhar para o bem comum.

Nuno Cardoso Peres falou sobre o verdadeiro conceito de organizações de tipo neutro. No campo puramente ideológico, disse, há grande dificuldade na completa neutralidade das A. A.. Nas actividades culturais a neutralidade é impossível. No campo prático há limites para a actuação dos Dirigentes académicos na resolução dos problemas das A. A.: honestidade, prudência, respeito pelo pensamento alheio. O Dirigente Académico nunca degerá servir-se do seu cargo como trampolim para impor as suas idéias. Certas actividades culturais seriam de banir das A. A., como por exemplo, um curso sobre S. Tomás de Aquino, que seria inútil ou até prejudicial ao auditório, que na sua generalidade o não assimilaria.



Seguidamente teve a palavra o Congressista Daniel dos Santos Pinto Serrão, que começou por se referir à falta de elementos relativos ao Centro Universitário do Porto nos mapas referentes à comunicação, salientando que a prática do Desporto, na Universidade do Porto está totalmente resolvida. Referiu-se, a propósito, que o problema associativo dos estudantes do Porto pode e deve resolver-se dentro da doutrina do regulamento privativo do Centro Universitário do Porto.

Depois de vários considerandos sobre a doutrina exposta dentro e fora do Congresso sobre a vida das organizações escolares, nomeadamente das A. A. e dos Centros Universitários, o Congressista Daniel Serrão afirmou e propôs:

- 1) A Universidade Portuguesa é ou procura ser uma instituição fundada no conceito corporativo, uma corporação de mestres e escolares.
- 2) Numa Universidade assim formada não tem sentido e é contraditória a existência de organizações académicas que agrupem apenas os estudantes.
- 3) A organização associativa dos estudantes que a universidade portuguesa requer deverá ter, estatutariamente a participação de professores e alunos.
- 4) O problema actual e concreto é diferente nas 3 cidades universitárias e não comporta presentemente uma solução uniforme.
- 5) O centro Universitário do Porto, situando-se na linha do melhor progresso pedagógico e de corporativização universitária, tem difundido sempre estas doutrinas e realiza-as praticamente na sua constituição e funcionamento.
- 6) Sugere-se às Autoridades Universitárias, porventura interessadas, depois deste magnífico Congresso, em resolver o problema das organizações circum-universitárias, a análise da doutrina e da obra do Centro Universitária do Porto, lembrando que as suas actuais deficiências, dependem apenas de impedimentos legais, repetidas vezes apresentadas pelo actual Director.
- 7) Afirma-se finalmente que na Universidade do Porto o problema associativo e representativo dos estudantes pode resolver-se com base no Centro Universitário do Porto, judiciosamente articulado com a Universidade.



A seguir Eduardo da Silva Pinto falou sobre as Associações Académicas, em que é que elas falharam, quais as razões, eos métodos para melhorarem.

Os aspectos em que as A. A. falharam foram:

- 1 - no seu papel unificador
- 2 - pedagógico
- 3 - cultural
- 4 - social

As razões foram o desinteresse ou oposição de professores, entidades superiores e estudantes que motivam deficientes processos (organizações isoladas sem plano de conjunto).

Para se melhorar deve tentar conseguir-se maior autonomia para as A.A. (é utópico pensar em conseguir a autonomia da Universidade actualmente, isto é, imediatamente). Deve tentar vencer-se a indiferença dos estudantes, começando por criar ambiente propício; e nós, católicos, temos a grande obrigação de trabalhar para a sua criação e depois trabalhar no sentido de conseguir que as A. A. correspondam ao que delas deve ser exigido.

Uma associação neutra que constitua um corpo único, um bloco de estudantes reunidos para se formarem sociológica, cultural e fisicamente, verdadeiros, donde saiam verdadeiros chefes. As A.A. devem ainda incluir aspecto recreativo, de granda importância.

Depois o Congressista Nuno Portas começou por relatar as afirmações de Daniel Serrão, dizendo que nunca as A. A. se podiam confundir com os Centros Universitários.

A seguir indicou qual o papel dos católicos nas A.A., para onde deve ir não para impedir que os outros vão ocupar lugares de importância, mas para servir o meio académico, como estudante que é.

Temos de lutar pela autonomia da Universidade.

O presidente deu a palavra ao Rev. Assistente que focou a ideia do que é preciso distinguir no problema das A. E. o plano do concreto e o plano do ideal.

1) Constata-se que há nas três Universidades organizações com características e portanto o problema não se põe do mesmo modo nos



Fundação Cuidar o Futuro

três casos, a solução é diversa. Estas associações não satisfazem em tudo mas é bom que se assente na noção de que os católicos têm o dever de colaborar nestas associações, só assumindo a realidade a podem dignificar.

- 2) Na Universidade ideal as associações não deverão ser como agora, um complemento, mas antes parte integrante para a realização da comunidade universitária. Algumas tarefas são da competência do estudante: problemas de desporto, recreativos, etc., e até mesmo de gerência. É preciso que estas tarefas lhe sejam confiadas.



A terminar o presidente fez uma síntese do que se tinha dito vincando as idéias basilares que era necessário que ficassem firmes para que se tomem em conta na renovação que se pretende. A Universidade que se preconiza dará linhas de pensamento, traves mestras que servirão de base a todo o género de actividade a que o estudante pretenda dedicar-se. Nesta realização prática norteada por um pensamento orientado, surgem problemas comuns à maioria dos estudantes, problemas que estes procuram resolver associando-se.

Nestas organizações temos que distinguir:

- 1) Organizações de tipo ideológico - tipo J.U.C., C.U.
- 2) Organizações de tipo neutro - tipo Associação de Estudantes, que por definição só devem servir para resolver problemas comuns aos estudantes fora de qualquer ideologia, abrangem por exemplo, o campo do desporto, recreativo, auxílio mútuo, etc..

Põe-se para estas organizações o problema de poderem ou não fazer cultura. Em princípio é impossível fazer cultura sem um norte, sem pensamento orientado, actualmente seria possível manter uma certa actividade cultural se se recorresse mais aos professores.

Das sugestões apresentadas salientou:

Representação de Estudantes - Seria interessante conseguir por um lado que os Estudantes tivessem representação no Conselho Escolar e por outro que os Professores estivessem presentes nas Associações seria até um dos processos de aproximação entre professores e alunos para que se deveria tender desde já.

Instalações - instalações condignas para as associações não é con-

dição suficiente mas é necessária para que cumpram a sua função.

CONCLUSÕES

- 1) As organizações de estudantes devem ser parte integrante da Universidade; cabe-lhes um papel na concretização de alguns aspectos da formação e educação do estudante e na realização da comunidade universitária.
- 2) As actuais O. E. devem reformar-se no sentido de perderem o carácter exclusivo de reivindicação de direitos de estudantes e de organismos estranhos e por vezes opostos à Universidade, para tomarem sobre si uma missão suplectiva dela.



VOTOS

Propõe-se:

- 1) que dos organismos superiores apoio material e moral para as O.E. em especial na criação e renovamento de instalações condignas.
- 2) que os católicos estejam presentes na vida das O.E., participando activamente em todas as tarefas associativas que visem a elevação espiritual e material da população universitária.

Encerrou-se a Sessão com uma Avé-Maria e invocatória a Nossa Senhora e a S. Tomás de Aquino.